

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA I

*Levi Pinto Frota
Raimundo Carlos de Souza Lima*

RESUMO: Esta pesquisa visa abordar a educação inclusiva, sendo assim, o objetivo deste trabalho tem como principal foco detalhar os desafios e preconceitos enfrentados por alunos que possuem necessidades especiais, bem como compreender as suas dificuldades de adaptação e aprendizagem na sala de aula, do mesmo modo analisar o apoio oferecido pela Escola Estadual Almirante Barroso. E a efetivação das leis que abrangem esses estudantes, dessa forma, foram abordados também os desafios enfrentados pelos professores em desenvolver metodologias que possam ser eficazes na aprendizagem desses discentes. O objeto de pesquisa foram as turmas do ensino fundamental da escola de ensino fundamental Almirante Barroso, onde foram analisadas duas turmas do ensino fundamental do 8º ano, 01 e 02.

Palavras-chave: Educação inclusiva; necessidades especiais; adaptação; aprendizagem.

1. Introdução

O presente estudo tem como finalidade trabalhar a temática da educação inclusiva nos ambientes escolares, partindo de uma pesquisa realizada na Escola Estadual Almirante Barroso durante a disciplina de estágio supervisionado em História I.

Primeiramente, foi desenvolvida a parte teórica, essa etapa ocorreu durante as aulas nas quais foram ministrados todos os conhecimentos necessários para desenvolver a prática em campo, a qual ocorreu no núcleo superior de ensino de Boca do Acre (NESBAC).

É importante ressaltar a importância do estágio nas disciplinas dos cursos de licenciatura, pois nos traz uma base para desenvolver as experiências adquiridas na universidade, fazendo assim uma conjuntura entre a teoria e a prática. Dessa forma Côrrea nos diz:

Em um sentido mais amplo, podemos explicar que o estágio é teoria e prática e não teoria ou prática. A teoria tem a finalidade de esclarecer, de

¹ **Levi Pinto Frota** é acadêmico do curso de Licenciatura em História, pela Universidade Estadual do Amazonas. *E-mail:* levifrota31@gmail.com

² **Raimundo Carlos Souza Lima** é Especialista em Educação Especial Inclusiva, pela Faculdade Acriana Euclides da Cunha – INEC. Professor Assistente do Curso de História Mediado por Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas e Professor Estatutário de Filosofia da Secretaria de Estado de Educação do Amazonas – Seduc - AM. *E-mail:* rcslima@uea.edu.br

organizar sistemas de ações e de promover reflexões sobre a prática instrumentalizada. Neste sentido, entendemos que a teoria problematiza a prática, apresenta evidências e provoca a organização de novas formas de interagir no processo de ensino. Apesar da apresentação de tal concepção, pensamos que ainda não superamos a dicotomia entre teoria e prática relacionada aos estágios. (CÔRREA, 2021, p. 4).

É importante falar um pouco do estágio, pois é ele que servirá de base para esta pesquisa, com isso destacar sua relevância se faz necessário. Logo após estar munido de todos os conhecimentos necessários, foi a vez de partir para o campo, e assim colocar em prática tudo que tinha aprendido.

Nesse segundo momento, foi necessário buscar uma escola na qual seria meu campo de atuação. A instituição de ensino escolhida foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Almirante Barroso. Mesmo apreensivo devido à pouca experiência, me lancei nessa jornada, buscando conhecimento, tentando assimilar o saber e buscando compreender um pouco sobre essa profissão desafiadora, que é a docência.

2. Materiais e métodos / Procedimentos metodológicos

A metodologia aplicada neste trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa na qual foram analisadas a qualidade do ensino e a aplicabilidade da educação inclusiva na sala de aula.

Os materiais utilizados foram, principalmente, o relatório final do estágio supervisionado em história I, bem como aulas ministradas por professores no Núcleo de Ensino Superior de Boca do Acre (NESBAC), as quais serviram como bússola durante a pesquisa.

Posteriormente, foram utilizadas também as observações realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Almirante Barroso. Essas análises serviram principalmente para desenvolver o conteúdo deste projeto, foram observadas as partes estruturais do prédio, assim como, o comportamento dos alunos, as aulas de história, o dia a dia da escola, e a relação entre professor e aluno.

Para poder alcançar os objetivos desta pesquisa, foi necessário passar algumas semanas na escola. Com isso, pude observar de forma minuciosa a rotina de cada aluno e profissional. É importante ressaltar que isso não me torna um conhecedor de todas as demandas que ocorrem na instituição, mas pude compreender o desenrolar do ensino na mesma.

Para conhecer melhor meu objeto de pesquisa, foi necessário assistir algumas aulas da professora de história vigente, as turmas escolhidas foram o 8º ano, 01 e 02. Foi necessário também desenvolver um relacionamento mais próximo com a professora de história e os demais funcionários, para assim então entender suas dificuldades e também conhecer um pouco mais das turmas. Esse diálogo com os profissionais da escola foi muito frutífero, pois através das conversas informais pude perceber várias problemáticas que muitas das vezes passam despercebidas aos olhos de quem está pesquisando.

Ao finalizar as observações das aulas, já pude definir qual linha de estudo eu poderia seguir. Dessa forma, comecei a minha pesquisa. A princípio, conversei com a professora da turma, procurando informações sobre os alunos com necessidades especiais. Conseqüentemente, procurei na coordenação da escola informações relevantes que poderiam embasar meu projeto. Por fim, busquei o PPP do colégio, no qual tive mais dados relevantes, sobre a estrutura e a proposta de ensino da instituição.

Com todos esses elementos, pude buscar autores que pudessem agregar minha pesquisa. Em sites confiáveis, busquei escritores de relevância que escreveram sobre o assunto, bem como artigos e leis que falam sobre a temática.

3. Resultados e discussão

Este estudo tem como objetivo discutir a aplicabilidade e o desenvolvimento da educação inclusiva no ensino fundamental. Se faz necessário levantar essa pauta, mediante a grande demanda de alunos com necessidades especiais que encontramos nas escolas.

Essa discussão é importante, pois vemos uma crescente dos casos de preconceitos, falta de assistencialismo que ocorrem nas instituições de ensino e que muitas das vezes são deixadas de lado ou tratadas como algo comum, muitas das vezes por falta de conhecimento, pela burocracia encontrada ou pela falta de sensibilidade.

Dessa maneira, se faz necessário criar um espaço onde o estudante possa desenvolver suas capacidades e se sentir confortável para aprender todos os conteúdos necessários. Com isso, Miranda e Galvão (2012) argumentam que, se queremos desenvolver um ambiente escolar saudável, é necessária a remodelação desse espaço, passando a ser um lugar onde exista acessibilidade e inclusão dos alunos com necessidades especiais, onde os mesmos se sintam acolhidos e respeitados, livres de preconceitos, estigmas e estereótipos, e que possam desenvolver suas capacidades

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

psíquicas, obtendo assim uma aprendizagem de qualidade e justa, podendo mudar a visão preconceituosa de que esse aluno é incomum.

Visto a importância do assunto, se fez necessário aprofundar o olhar para essa temática. O lugar escolhido para desenvolver este estudo foi a Escola Estadual Almirante Barroso, na qual, durante o estágio supervisionado em história I, pude observar alunos com necessidades especiais.

Ao analisar a metodologia da professora de história pude observar que a docente usa técnicas para se comunicar com seus alunos, sempre de forma energética e muito articulada com as palavras, ela busca entender seus estudantes e como estão se sentindo emocionalmente, dessa forma a professora consegue entender o humor dos estudantes e quais os níveis de disposição dos alunos frente ao conteúdo que será exposto durante a aula, essa interação é muito importante, pois ela traz uma proximidade maior entre o aluno e o professor, quebrando o estigma criado onde o docente é uma pessoa ruim e que está alheio aos sentimentos dos discentes, esse tipo de profissional tradicional onde apenas repassava conteúdo, está sendo desconstruído ao longo dos anos, podemos observar que não existe mais espaço para esse tipo de metodologia na educação, visto que, vivemos em um contexto social totalmente diferente, onde os problemas emocionais afetam cada vez mais as crianças, os jovens e adolescentes, é importante que os profissionais da educação estejam atentos a essa problemática pois, nos dias atuais é de suma importância ter o conhecimento e desenvolver diferentes metodologias para conseguir de fato a concretização do conhecimento em sala de aula, com isso faz necessário a formação continuada de professores, não podemos ser iludidos e ficar acomodados somente com o graduação, se faz cada vez mais necessário estar atualizados sobre diversas necessidades que ensino apresenta, segundo Miranda e Galvão (2012), a formação continuada dentro dos ambientes educacionais se tornam possibilidades para a reflexão das práticas pedagógicas em classe, bem como desenvolver a capacidade de questionamento sobre os currículos, as metodologias, os instrumentos e os conhecimentos teórica que conduz a aprendizagem.

Ao continuar a análise em sala de aula, pode constatar que existiam cinco alunos que possuem transtorno do espectro autista, todos continham um laudo médico, segundo a coordenação da instituição informou, porém dos cinco, apenas uma aluna dispunha de uma cuidadora que lhe auxiliava nas aulas, visto que essa discente se tratava de uma criança autista não verbal, os outros estudantes, mesmo contendo laudo, ainda não tinham conseguido o profissional auxiliar. Ao me aprofundar nesse assunto com a professora vigente, ela esclareceu um fato muito importante: foi relatado que o rendimento escolar da aluna que possui cuidadora subiu de forma notória após o auxílio escolar, dado que antes a mesma não conseguia acompanhar os seus colegas.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Continuei assim a minha pesquisa, em busca de dados, pude notar que a escola não possui sala de atendimento educacional especializado (AEE), é uma informação preocupante, uma vez que as crianças com necessidades especiais necessitam dessa sala para desenvolver suas atividades escolares e otimizar o aprendizado de forma que possam realmente assimilar os conteúdos, esse espaço visa desenvolver no aluno a curiosidade para aprender usando de métodos que não são convencionais dentro da sala aula comum, buscando suprir a necessidade de cada estudante, é importante ressaltar que a criança não pode ser separada da sala de aula comum, esse apoio educacional que existe no (AEE) é um instrumento que deve ser incorporado a escola como um apoio ao desenvolvimento de políticas públicas que possam alcançar os estudantes que possuem necessidades especiais.

Ao longo do estágio, foi visível a necessidade de um espaço especializado nas dependências da instituição, já que um aluno com TEA sempre visitava à biblioteca e se refugiava ali, isso acontecia após suas crises. A professora comentou que esse estudante costumava ter esse comportamento. Quando não se sentia confortável dentro da sala de aula, então se direcionava à biblioteca e ficava ali até se acalmar. Quando esse fato acontecia, a professora comunicava um funcionário do colégio para dar apoio a esse estudante. Sendo assim, podemos notar a importância do apoio especializado, seja estrutural ou de pessoa física, segundo Ropoli et al.:

O motivo principal de o AEE ser realizado na própria escola do aluno está na possibilidade de que suas necessidades educacionais específicas possam ser atendidas e discutidas no dia a dia escolar e com todos os que atuam no ensino regular e/ou na educação especial, aproximando esses alunos dos ambientes de formação comum a todos. Para os pais, quando o AEE ocorre nessas circunstâncias, propicia-lhes viver uma experiência inclusiva de desenvolvimento e de escolarização de seus filhos, sem ter de recorrer a atendimentos exteriores à escola (ROPOLI et al., 2010, p. 18).

É importante ressaltar que, mesmo com as limitações que se encontram no prédio, os profissionais da instituição sempre são prestativos e dispostos a encontrar soluções viáveis para integrar os discentes com necessidades especiais.

A integração das crianças atípicas, tanto na sociedade como na escola, não depende simplesmente do corpo docente ou do cumprimento das leis que regem a educação no país, é muito comum encontrar pais ou responsáveis que se negam a aceitar que seus filhos possuem alguma necessidade especial ou que precisem de algum apoio especializado, esse tipo de pensamento arcaico vêm trazendo prejuízos quanto ao desenvolvimento desses indivíduos, já que a educação é

uma das portas de socialização dos seres humanos, essa negação se dá por preconceitos que ainda imperam na sociedade atual, não podemos esquecer que a educação é um dever do estado e da família e está pautado no artigo 205 da Constituição Federal do Brasil de 1988, sendo assim, pode ser imputado crime negar a educação, a qualquer criança seja pelos pais ou pelas escolas.

Na década de noventa era muito comum se estabelecer estigmas e estereótipos quanto a condição de pessoas deficientes ou que possuem algum transtorno mental, essa herança de hostilidade ainda reverbera na nossa sociedade, no cotidiano é comum se ouvir de pessoas leigas que os cidadãos com necessidades especiais são atrasados, perigosos ou que dispõem de doenças contagiosas e dessa forma devem viver afastados de outros seres humanos, essa segregação se dá muita das vezes pela falta de conhecimento sobre o assunto, ou por ensinamentos errados do passado, com isso, se faz necessário trazer à tona a discussão desta temática, o papel da escola se encaixa nessa difícil missão de desenvolver informações que possam desconstruir essas ideias intolerantes, se faz necessário que a família e as instituições de ensino estejam abertos ao diálogo para que possamos progredir.

Quando falamos em inclusão é necessário pontuar alguns equívocos que ocorrem nos ambientes educacionais, um erro comum é falar que a escola está aberta a qualquer tipo de pessoa, porém é importante ressaltar que incluir não é apenas abrir vagas é também analisar se o prédio dispõe de acessibilidade a todos os cidadãos que irão estudar ali, durante o estágio analisei a parte estrutural da escola na qual realizei a pesquisa, comecei a fazer uma varredura minuciosa, durante esse processo percebi que a instituição disponibilizava de um banheiro que facilitava o acesso aos cadeirantes, esse tipo de acessibilidade é indispensável, porém essa disponibilidade não deve se limitar somente a estrutura do prédio, deve ser estendida também ao material de didático que são expostos durante as aulas, isso só é possível através de um profissional especializado que irá auxiliar o professor vigente da turma, um exemplo claro são os livros didáticos, é preciso ter material que alcance as necessidades da turma como um todo, como por exemplo livros em braile, audioteca para pessoas cegas, materiais adaptados para os autistas, entre outros, conforme Miranda e Galvão nos diz em seu livro.

A proposta de educação inclusiva implica o reconhecimento das diferenças e as adequadas condições para que essas não sejam obstáculos à formação; assim, linguagem em braile pode ser importante para os que têm deficiência visual; linguagem dos sinais pode ser importante para os que têm deficiência auditiva; falar mais pausadamente e utilizar mais recursos imagéticos pode ser importante para os que têm deficiência intelectual. A educação inclusiva,

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

assim, não deve desconhecer as diferenças, mas proporcionar recursos para o cumprimento dos objetivos escolares. (MIRANDA; GALVÃO, 2012, pg. 41-42).

Miranda e Galvão (2012) citam em seu livro que existem diversos obstáculos que devem ser vencidos para que possamos ter de fato equidade na educação e inclusão das pessoas com necessidades especiais. Essas barreiras podem ser constituídas de bloqueios físicos que estão à nossa vista, como por exemplo a falta de uma rampa para cadeirantes, ou até entraves invisíveis que geralmente são formados por opiniões, discursos e atitudes preconceituosas que geram estereótipos.

Quando falamos em educação inclusiva, é muito comum notar a falta de conhecimento por parte dos pais, da comunidade e também dos alunos, para que haja de fato uma educação inclusiva efetiva, é necessário a cima de tudo informar para as pessoas a importância de trabalhar essa modalidade da educação, isso só é possível quando as informações corretas chegam as casas dos alunos com necessidades especiais, com isso podemos notar que existe uma rede complexa que devemos nos atentar, pois a escola e as famílias devem trabalhar em comum acordo, é muito comum ver que alguns pais não acompanham seus filhos, geralmente não estão nas reuniões, é por isso que a informação deve chegar até a casa dessas pessoas, para isso acontecer podemos usar dos recursos tecnológicos que nos são disponíveis como aparelhos celulares, internet e redes sociais.

Essa falta de informação é uma grande barreira que impede as crianças com necessidades especiais de se desenvolverem educacionalmente, no período das regências foi notório observar que alguns estudantes obtinham um grau leve de autismo, outros já tinham um grau mais avançado, mas todos estavam na mesma sala, porém os que obtinham um grau mais leve também tinham dificuldades de acompanhar as aulas, ao conversar com a professora da turma, ela relatou que alguns pais não tinham conhecimento aprofundado sobre o assunto e que esse diálogo por muita das vezes era difícil, devido a carência de conhecimento, outros pais não sabiam quais profissionais poderiam levar seus filhos e como lidar com a aceitação, isso se dá também pela falta de recursos que o município que se encontra, visto que estamos localizados distantes da capital do estado do Amazonas, somos obrigados a buscar recursos no estado vizinho Acre, podemos notar que a desinformação pode gerar um preconceito e até mesmo um atraso no desenvolvimento dessas crianças, por isso se faz necessário estabelecer campanhas para a informatização e conscientização, isso só é possível quando temos uma parceria direta entre escola e comunidade, de acordo com Ropoli et al.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

As parcerias intersetoriais e com a comunidade onde a escola está inserida estão entre as prioridades do Projeto Político Pedagógico, pois a educação não é apenas uma área restrita aos órgãos do sistema educacional. Elas aparecem nas ações integradas da escola com todos os segmentos da sociedade civil e da sociedade política dos Municípios e Estados com as escolas. (ROPOLI et al., 2010, p. 28).

Desse mesmo modo, se faz necessário relatar a experiência que obtive concernente à assimilação de conteúdo por parte dos alunos da turma do 8º ano 01 e 02 do ensino fundamental. Ao longo das regências, pude traçar o perfil dos alunos e, com isso, perceber algumas particularidades entre eles. Foi possível fazer um comparativo entre as duas turmas. Em ambas as classes existiam alunos com alguma necessidade especial, porém no 8º ano 02 percebi que existiam mais estudantes com necessidades especiais do que o 8º ano 01, diante disso, consegui fazer um paralelo entre ambas as turmas. Antes de iniciar as regências, fiz meu planejamento sobre o assunto que seria trabalhado. Diante disso, comecei a desenvolver o material didático que seria entregue para acompanhamento das aulas. Na escola, estava à disposição um livro didático, um projetor multimídia e uma caixa de som. Reuni então todo o material e comecei a lecionar as aulas. No primeiro momento, a ideia seria imprimir a parte teórica para que os estudantes pudessem levar para casa, e em conjunto foi utilizado também um Data show para ilustrar imagens e ter assim uma dinâmica no final da aula, tudo isso para reduzir os grandes textos enfadonhos que costumávamos ver nas aulas.

Na primeira classe foi notório que não era necessário empregar muito esforço na fala ou na articulação para que os estudantes compreendessem o conteúdo, logo percebi que existia uma curiosidade muito grande por parte deles, nesta turma existia um aluno que contém transtorno do espectro autista, mesmo com um grau mais baixo ele não pode ser exposto a grandes estresses, o mesmo não dispõe de um profissional auxiliar, esse foi o primeiro desafio encontrado durante as regências, pois a dinâmica a ser realizada era um debate entre a classe, o aluno com TEA era bastante esperto e tinha grande conhecimento sobre o assunto, porém o desafio era seu humor, no qual não podia sofrer grandes alterações, essa atividade foi bastante difícil de ser executada pois a todo instante ele queria falar e não gostava de ser contrariado pelos colegas, uma vez que isso acontecesse ele se isolava dos demais, em razão disso foi necessário ter o cuidado em conduzir o debate para que o mesmo pudesse expressar suas opiniões, bem como estar atento para que os colegas também o respeitasse, esse foi o primeiro desafio para ministrar as aulas para alunos com necessidades especiais, era necessário ter grande expertise e articulação para conduzir as aulas,

Ropoli et al (2010), nos diz que reconhecer as capacidades que os alunos já contém de aprendizagem não aparece de forma instantânea, é preciso desenvolver certa sensibilidade ao longo do tempo para saber que nem todos aprendem de forma igual e que não são uma aglomerado homogêneo, para que assim então possamos romper com as barreiras que o ensino tradicional construiu ao longo do anos, só assim o professor poderá desenvolver um papel de formador de opiniões podendo alcançar a todos e não somente a um grupo de alunos que a escola considera exemplar.

O segundo desafio foi na turma do 8º ano 02, quando comecei as regências nesta turma, me deparei com um cenário totalmente diferente, logo existia uma quantidade maior de alunos com necessidades especiais, porém ao contrário da primeira eles eram mais quietos e introvertidos, nesta classe contia uma aluna com Transtorno do Espectro Autista não verbal, a mesma disponibilizava de uma profissional especializada que lhe ajudava nas atividades, logo ao começar a aula percebi que era necessário mudar a didática aplicada na turma anterior, então foi necessário diminuir o ritmo da voz, falar com mais clareza e sempre revisar os pontos citados durante a aula para que eles pudessem compreender o assunto.

Outro ponto muito importante foi a forma de aplicação do conteúdo, logo quando percebi as dificuldades dos alunos foi necessário revisar todo o material desenvolvido, dessa maneira procurei formas de aplicação da temática que fosse capaz de alcançar as necessidades de assimilação dos discentes, com isso, foi necessário dividir os tópicos em duas aulas e reservar um momento somente para a resolução das atividades, dessa forma foi preciso criar etapas para a execução da matéria, a primeira parte consistia na introdução da temática, sempre observando se os estudantes estavam compreendendo o conteúdo, já na segunda etapa comecei o aprofundamento da matéria, neste período reservei um momento para tirar as dúvidas sobre tudo o que se tinha falado.

Esse tempo de interação é de grande importância para o professor, pois é através da resposta da turma que o docente pode analisar se necessita mudar algum ponto em sua metodologia, é possível analisar também qual o nível de absorção que a turma teve diante do material exposto, dessa forma, é possível traçar um planejamento capaz de atender as necessidades dos alunos, segundo Azevedo e Lima (2011), o docente deve estar compromissado em instruir seus alunos na busca em explorar novos conhecimentos, isso vem por meio de novas metodologias, buscando e experimentando sempre novas abordagens, isso permite que os estudantes possam desenvolver práticas singulares no processo de construção do conhecimento, é importante ressaltar que o docente sempre será o maior incentivador em sala de aula, o aluno deve olhar para o professor como

um facilitador do conhecimento e não somente um como um acumulador de conteúdo que estar ali somente para repassar o que aprendeu na universidade.

Enfim, para que possamos concluir este estudo se faz necessário falar sobre o momento de avaliação, os instrumentos avaliadores são muito discutidos hoje em dia, somos sabedores que existem diversas formas de avaliar um aluno, seja de forma escrita por meio de uma prova de múltiplas escolhas ou dissertativa, seja de forma oral por meio de um debate ou de uma apresentação, a discussão se estende quando especificamos as modalidades de avaliação, os professores mais tradicionais e antigos sempre optam pela avaliação somativa, porém somos sabedores que esse tipo de avaliação vêm perdendo espaço devido a sua forma de limitação de conteúdos, gerando a memorização e o estresse nos estudantes, não levando em conta as limitações dos discentes.

Durante o estágio, se fez necessário escolher a forma correta de avaliação, visto que nas salas existiam particularidades peculiares, foi necessário estabelecer alguns tipos de avaliações. A primeira forma foi analisar como os estudantes se comportavam diante do assunto, dessa forma, ao longo das aulas, eram feitas perguntas para eles, sobre o assunto exposto, com isso era possível notar qual o grau de absorção que os mesmos estavam desenvolvendo. Como os alunos eram ainda novos e a presença de um novo professor causava certa introversão, era necessário estabelecer um diálogo com eles.

Finalmente, chegado ao final de todo o conteúdo, comecei as avaliações. Sabendo de suas limitações e dificuldades, comecei a aplicar formas avaliativas diferentes em ambas as salas. No 8º ano 01, foi possível realizar um debate com a turma, no qual foi dividida em dois grupos, seguido de atividades escritas como textos subjetivos. Já no 8º ano 02, realizei um texto dissertativo sobre o que eles tinham compreendido do assunto, o texto era seguido de questões que complementavam o texto. Essa experiência de desenvolver formas diferentes de avaliar nos mostra que, atualmente, os professores em formação devem sempre estar preparados para as mais diversas situações que ocorrem no ambiente escolar. O ofício da docência é uma das profissões que devem sempre estar em constante desenvolvimento para assim promover uma educação justa e de qualidade.

4. Considerações finais ou conclusão

Em suma, ao longo de tudo que foi exposto através desta pesquisa, podemos concluir que, se faz necessário discutir, pesquisar e debater sobre a importância da educação inclusiva na sociedade

atual, visto que, os tempos mudaram e hoje encontramos novos desafios frente às necessidades que os cidadãos carregam, como já foi falado a educação inclusiva não se limita apenas a matrículas de alunos com necessidades especiais nas escolas, vai muito além disso, a educação inclusiva tem em seu objetivo central promover uma educação equitativa para as pessoas, ou seja, promover uma educação justa, onde a criança, o jovem e o adulto possam de fato aprender.

Para que possamos ter de fato uma educação que abrange a todos sem distinção, é preciso um trabalho em conjunto, onde estão reunidas a escola, a família, e a sociedade e o estado. Todos devem estar empenhados com o intuito de buscar melhorar a educação no nosso país. Para que isso possa acontecer, é de grande importância estabelecer um diálogo em ambas as partes.

Não podemos esquecer que as pessoas com necessidades especiais também podem participar desse diálogo reivindicando seus direitos, dar voz a essas pessoas é o primeiro passo para combater o preconceito que se estabeleceu em nossa nação, principalmente nos ambientes escolares, para que isso aconteça contamos com a sensibilidade do corpo docente que compõem as instituições educacionais para que seja de fato cumprido o que diz a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, onde no artigo 59 e inciso quatro está explícito que a educação especial é uma modalidade da educação que têm como objetivo integrar os educandos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação na sociedade, essa integração se dar pelo contato direto com a escola e com os profissionais que a compõem, dessa forma, os ambientes escolares se fazem fundamentais para promover a equidade entre os seres humanos e a inclusão dos mesmos na sociedade, pois sabemos que a escola é uma formadora de opinião podendo contribuir para a construção de cidadãos críticos reflexivos, nos quais desenvolverão a capacidade de problematizar seus espaços, contribuindo assim para a construção de uma sociedade justa, somos sabedores que essa tarefa não é fácil, porém como futuros professores em formação não podemos ser inertes frente a demanda tão importante como essa.

5. Fontes

Relatório final do estágio supervisionado em História I.

Relatório realizado durante o estágio supervisionado em história I, no qual foi produzido a partir das vivências vividas no Ensino Fundamental II. Este relato se fez importante para embasar a pesquisa, pois nele contém a maioria das informações que serviram como suporte para a construção do

trabalho. É uma obra de cunho pessoal e seu acesso é limitado ao autor, podendo ser disponibilizada pelo mesmo através do e-mail:levifrota31@gmail.com.

Livro Educação Especial no Brasil História e políticas públicas.

Autor Marcos José da Silveira Mazzotta, foi publicado pela primeira vez em 2005 pela editora Cortez em São Paulo, no qual conta um pouco da história da educação inclusiva no Brasil, e seus primeiros passos na nação brasileira.

AZEVEDO, Crislane Barbosa; LIMA, Aline Cristina Silva. Leitura e compreensão do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em sala de aula. Roteiro, Joaçaba, v. 36, n. 1, p. 55-80, jan./jun. 2011.

O artigo foi escrito por Crislane Barbosa Azevedo e Aline Cristina da Silva, foi publicado na revista Roteiro em 2011, esta obra se faz importante para o projeto pois aborda as diversas linguagens que o professor pode utilizar dentro da sala de aula para expor seus conteúdos como, por exemplo, a música, filme, fotografia, literatura etc.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que serve como base para estabelecer os princípios, direitos e garantias que estruturam nossa sociedade, pode ser encontrada no site oficial da Presidência da República.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

A Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, mais conhecida como LDB, está disponível no Portal da Legislação do Planalto ou no site do Ministério da Educação (MEC). Ela é importante fonte, pois abrange diversos aspectos da educação brasileira, desde a educação infantil até o ensino superior, garantindo uma educação mais justa e igualitária para todos.

CORRÊA, Cintia Chung Marques. **Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de licenciatura em pedagogia.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 99, n. 251, p. 205-220, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3093>

O artigo de Cintia Chung Marques Corrêa, intitulado Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de licenciatura em pedagogia, pode ser encontrado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Esse artigo traz a discussão da importância do estágio na formação dos cursos de licenciaturas, se fez necessário neste trabalho, pois nos mostra como o estágio une a teoria absorvida na universidade e a prática docente na sala de aula.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. **A escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 51p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43213>
Esse livro, feito em colaboração entre Edilene Aparecida Ropoli, Maria Teresa Eglér Mantoan, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos santos e Rosângela Machado, foi publicado em Brasília, pelo Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, em parceria com a Universidade Federal do Ceará, no ano de 2010. Trata-se de um exemplar que discorre sobre a inclusão de pessoas com necessidades especiais em escolas regulares, discute sobre a acessibilidade desses cidadãos quanto à educação de qualidade, se fazendo importante fonte para esta pesquisa.

MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12005>

Esta obra de Theresinha Guimarães Miranda e Teófilo Alves Galvão Filho, publicada pela editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) em 2012, traz uma abordagem sobre a formação de professores, as práticas pedagógicas e a educação inclusiva nos ambientes escolares.

6. Referências

AZEVEDO, Crislane Barbosa; LIMA, Aline Cristina Silva. **Leitura e compreensão do mundo na educação básica: o ensino de História e a utilização de diferentes linguagens em sala de aula**. Roteiro, Joaçaba, v. 36, n. 1, p. 55-80, jan./jun. 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: **Presidência da República**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CORRÊA, Cintia Chung Marques. **Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de licenciatura em pedagogia.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 99, n. 251, p. 205-220, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.99i251.3093>

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. **A escola comum inclusiva.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2010. 51p. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43213>

MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves. **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares.** Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12005>